

Fernando Molica

Os cúmplices da pedofilia na rede

Foi preciso que o youtuber Felca — Felipe Bressanim Pereira — gritasse que crianças e adolescentes estavam nus e eram explorados nas redes sociais para que a sociedade olhasse para si e enxergasse o que há muitos anos era esfregado na cara de todos, com a cumplicidade quase geral da nação.

No post que já teve mais de 36 milhões de visualizações, Felca mostra cenas repugnantes produzidas por pessoas como Hytalo Santos, um sujeito que contava com audiência e, mesmo, parceria de muita gente.

Em dezembro do ano passado, a Justiça da Paraíba determinou que a atriz e apresentadora Antônia Fontenelle retirasse do ar post em que acusava Santos de explorar e sexualizar menores de idade.

Ele e outros criminosos têm que ser investigados e punidos, mas não se pode apenas terceirizar todas as culpas. Eles fornecem o que uma parte significativa da sociedade gosta de ver, contam também com a convivência de pais de crianças e adolescentes, uma forma de responsabilidade compartilhada.

Esses produtores são também estimulados e respaldados pelos que falam em censura cada vez que se busca uma forma de se regulamentar redes sociais, como se a internet não tivesse que se submeter a leis mais amplas. O fato de ter carteira de motorista não dá a ninguém o direito

de avançar sinais vermelhos, transitar pela contramão e de abusar da velocidade.

O país tem uma relação extremamente dúbia com a sexualidade e gosta de flertar com a perversão. Nos anos 1990, crianças eram estimuladas a dançarem na boquinha da garrafa, em festas infantis e até em atrações televisivas voltadas para a família brasileira. Uma família que há séculos é conivente com abusos cometidos em seus lares — a grande maioria dos casos ocorre dentro das casas.

A vergonhosa distribuição de renda entre nós contribui de maneira decisiva para o problema ao empurrar crianças para o mercado da exploração sexual.

Vingou entre nós um comportamento curioso, em que um excesso de moralismo no que é pregado convive com uma extrema tolerância em relação ao que se faz. Algo que, mais do que contraditório, tem função complementar.

Por razões culturais muito baseadas em princípios religiosos, adotou-se por aqui a lógica da repressão aos desejos, de associá-los ao pecado, como isso fosse capaz de impedir o que se sente.

O crescimento de setores evangélicos nas últimas décadas fez agravar a situação ao radicalizar a luta contra o corpo e, assim, jogar para baixo do tapete o que, como escreveu Chico Buarque, não tem governo ou vergonha, nem nunca terá.

O oportunismo político que aposta

no controle da sexualidade alheia contribui muito para a exploração e para a canalhice. Campanhas contra a educação sexual nas escolas e que tentam impedir a aceitação de diferenças são estimuladas, como se o desejo fosse algo imposto a cada de um nós, que não nos acompanhasse desde sempre.

E tome de falar em proteção da inocência de crianças, uma maneira cruel de não deixar que elas sejam alertadas para violências e abusos que muitas vezes se manifestam de forma sutil, como carícias, toques e agrados. Impedir que meninas e meninos sejam ensinados sobre isso é uma forma de desprotegê-los, de reforçar sua fragilidade, permitir supostos atenuantes como “pintou um clima”.

Como ressaltado pelo próprio Felca, a adultização não se revela apenas no caso dos abusos de caráter sexual, está relacionada também a outras formas de exploração, como o estímulo para que crianças assumam papéis de adultos, atuem até como pregadores. Um tipo de trabalho infantil e adolescente que contraria o que é determinado pela Constituição.

A indignação contra os abusadores da internet é fundamental, mas não pode ser algo isolado. É preciso criar mecanismos de proteção que sejam capazes de conter e punir também quem viabiliza esse tipo de crime, aqueles que apontam o dedo para o outro e não se olham no espelho.

Leonardo Boff*

Defender a democracia e fundar uma democracia eco-social

Atualmente como poucas vezes na história a democracia como valor universal e forma de organizar a sociedade está sob ataque. Há uma articulação mundial de grupos com muito poder e dinheiro que a negam em nome de propostas regressivas, autoritárias que beiram à barbárie.

A democracia, a partir de seus primórdios gregos, se sustenta sobre quatro pilstras: a participação, a igualdade, a interação e espiritualidade natural.

A ideia de democracia supõe e exige a participação de todos os membros da sociedade, feitos cidadãos livres e não meros assistentes ou simples beneficiários. Juntos constroem o bem comum.

Quanto mais se realizar a participação maior é o nível de igualdade entre todos. A igualdade resulta da participação de todos. A desigualdade, como por exemplo, a exclusão de cidadãos pobres, negros, indígenas, de outra opção sexual, de outro nível cultural e outras exclusões, significa que a democracia ainda não realizou sua natureza. Por natureza ela é, nas palavras do sociólogo português Boaventura de Souza Santos (injustamente acusado) uma democracia sem fim:ela deve ser vivida na família, em todas as relações individuais e sociais, nas comunidades, nas fábricas, nas instituições de ensino (do primário à universidade), numa palavra, sempre lá onde seres humanos se encontram e se relacionam.

Com a participação de todos em pé de igualdade se cria a possibilidade da interação entre todos, as trocas, as formas de comunicação livre até na maneira de comunhão, própria dos seres humanos com

sua subjetividade, identidade própria, inteligência e coração. Assim a democracia emerge como uma teia de relações que é mais do que o conjunto dos cidadãos. O ser humano vive melhor sua natureza de “nó de relações” num regime onde viceja a democracia. Ela comparece como um alto fator de humanização, vale dizer, de gestão de seres humanos ativos e criativos.

Por fim a democracia reforça a espiritualidade natural e cria o campo de sua expressão. Entendemos a espiritualidade, como é entendida hoje pela new science, pela neurociência e pela cosmogênese como parte da natureza humana. Ela não se confunde nem se deriva da religiosidade, embora essa pode potenciá-la. Ela possui o mesmo direito de reconhecimento como a inteligência, a vontade, a afetividade. Ela é inata no ser humano. Como escreveu Steven Rockefeller, professor de ética e filosofia da religião no Middlebury College em Nova York em seu livro Spiritual Democracy and our Schools (2022): “a espiritualidade é uma capacidade inata no ser humano que, quando alimentada e desenvolvida, gera um modo de ser feito de relações consigo mesmo e com o mundo, promove a liberdade pessoal, o bem estar, e o florescimento do bem coletivo” (p.10). Ela se expressa pela empatia, solidariedade, compaixão e reverência, valores fundamentais para o convívio humano e daí para a vivência em ato da democracia.

Estas quatro pilstras, no contexto atual do antropoceno (e suas derivações em necroceno e piroceno),no qual o ser humano surge como o meteoro ameaça-

dor da vida em sua grande diversidade a ponto de colocar em risco o futuro comum da Terra e da humanidade, fazem da democracia sem fim, integral e natural seu antídoto mais poderoso. Sustento a mesma opinião de muitos analistas das atividades humanas com efeitos em escala planetária (a transgressão de 7 dos 9 limites planetários), que sem um novo paradigma, diverso do nosso que não inclui a espiritualidade natural, benigno para com a natureza e cuidador da Casa Comum, dificilmente escaparemos de uma tragédia ecológico-social que trará grandes riscos para a nossa subsistência neste planeta.

Daí a importância de combatermos frontalmente o movimento nacional e internacional da extrema direita que nega a democracia e se propõe destruí-la. Urge defender a democracia em todas as suas formas, mesmo aquelas de baixa intensidade (como a brasileira), caso contrário sucumbiremos.

Vale a sábia advertência de Celso Furtado em seu Brasil:a construção interrompida (1993): “O desafio que se coloca no umbral do século XXI é nada menos do que mudar o curso da civilização, deslocar seu eixo da lógica dos meios, a serviço da acumulação num curto horizonte de tempo, para uma lógica dos fins, em função do bem-estar social, do exercício da liberdade e da cooperação entre os povos”(p.70). Essa reviravolta implica fundar uma democracia ecosocial que nos poderá salvar.

***Leonardo Boff escreveu Brasil: concluir a refundação ou prolongar a dependência, Vozes 2018.**

EDITORIAL

A distorção do crime não compensa

Quem foi criança na década de 1960 certamente ouviu Batman dizer várias vezes, ao final dos seus seriados que “o crime não compensa”.

Da mesma forma, na sua labuta mascarada para combater o crime em Gotham City, Batman diria que “a distorção de dados sobre o crime também não compensa”. Afinal de contas, pobre Batman! Combate o crime e, depois, um desavisado presidente dos Estados Unidos usa informações defasadas e distorcidas para diminuir o seu empenho!

Se Batman fosse de Brasília, provavelmente essa seria a sua reação ao ouvir Donald Trump valer-se desses dados errados para falar da criminalidade na capital do país. Embora Trump tenha dito que a criminalidade em Brasília é menor que em Washington, ele usou a cidade como exemplo de lugar violento com o qual a capital dos Estados Unidos não deveria querer se comparar.

O senhor de tez alaranjada que comanda a prin-

cipal nação do Hemisfério Norte disse que em Brasília acontecem 13 homicídios a cada 100 mil habitantes. Na verdade, o número é quase a metade menor do que esse mencionado por Trump. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública, são 6,9 homicídios para cada grupo de 100 mil habitantes.

Veicular informações exageradas e distorcidas sobre o que quer que seja não é nunca boa tarefa. Sobre segurança pública, então, o problema é mais grave. Porque gera pânico desnecessário. Pode fazer com que visitantes estrangeiros desistam de visitar a capital do Brasil por imaginá-la mais violenta do que realmente é.

Bem, Brasília teve há dois anos, em janeiro, um grave problema de violência, quando as sedes dos três poderes foram invadidas e depredadas. Mas aqui está havendo julgamento e punição. Problema parecido houve antes em Washington, inclusive com seis mortes. Mas lá Trump indultou os culpados...

O perigo da porta para dentro

Nos últimos dias, o vídeo do youtuber Felca sobre a adultização de crianças repercutiu intensamente nas redes sociais. Com seu tom característico, ele abordou um tema que, embora desconfortável, é urgente: a velocidade com que meninas e meninos estão sendo expostos a conteúdos e comportamentos que não correspondem à sua idade. Não se trata apenas de roupas, gírias ou modismos; trata-se de um processo silencioso que rouba fases essenciais da infância e abre caminho para riscos sérios à saúde emocional e à segurança dessas crianças.

Pais e responsáveis precisam compreender que, no mundo conectado de hoje, os perigos não estão apenas “lá fora”, nas ruas e esquinas. Eles estão, cada vez mais, da

porta para dentro de casa, disfarçados no brilho das telas de celulares, computadores e tablets. Plataformas que deveriam ser ferramentas de aprendizado e lazer podem se transformar, sem vigilância, em vitrines de modelos de vida distorcidos, sexualizados e, muitas vezes, nocivos.

O Brasil precisa investir com urgência em educação digital. Não basta ensinar matemática e português; é necessário preparar crianças e adolescentes para compreender o funcionamento da internet, reconhecer riscos e filtrar informações. Ao mesmo tempo, é papel dos pais acompanhar de perto o que seus filhos consomem, entender como funcionam as redes sociais e estabelecer limites claros.

Opinião do leitor

Alma florida

Meu coração percorre atalhos; angústia é passagem; que limpa a alma; sofrimento é carinho da aflição; vozes do santuário espreitam horrores; gemidos da noite; entram pelos poros; palpitam meu rosto; mãos no escuro; tentam afagar meus cabelos; não me atrevo a chamar teu nome; porque tuas letras rondam o mundo.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EPITÁCIO PESSOA ABANDONA HAIA POR DOENÇA

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de agosto de 1930 foram: Foi imponente a cerimônia de trasladação do corpo de João Pessoa para o cemitério São João Batista; colossal massa popular tomou conta do cortejo até Botafoço. Olavo Herrera toma posse como o novo presidente da Colômbia. Epitácio Pessoa abandona, por enfermidade, os trabalhos na Conferência de Haia.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES FAZ JORNADA NO INTERIOR DE MINAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de agosto de 1950 foram: Reunião extraordinária da UDN confirmou a chapa Eduardo Gomes para presidente e Odilon Braga para vice-presidente. Brigadeiro inicia jornada pelo interior de Minas Gerais. Violentos combates são registrados em Pohang, na Coreia do Sul. Quatro generais brasileiros são condecorados nos Estados Unidos.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhpress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.